

PUPO, Benedito Barbosa. O mal cheiroso "campinense". Correio Popular, Campinas, 17 jun. 1975.

O MAL CHEIROSO "CAMPINENSE"

Correio Popular

Benedito BARBOSA PUPO

17. 6. 75

Houve tempo, no início do nosso Século em que a população do então florescente bairro da Vila Industrial sofria terrivelmente por causa do nausebundo cheiro emanado dos curtumes ali existentes. Um deles, o mal cheiroso "Campinense", localizada no "barrocão" como era conhecida pela molecada da época, a depressão existente na Vila Industrial entre a rua Sales de Oliveira e a estrada do Piçarrão (hoje Avenida das Amoreiras), a partir das proximidades da Avenida João Jorge, infestava o ar de vasta área, tornando o ambiente de tal maneira desagradável, que a população se via obrigada a proteger seu olfato com lenços, única defesa possível na ocasião. O "Cortume Campinense", posteriormente mudou de nome, passando a denominar-se "Companhia Cortidora Campineira".

Fundado no Século passado, o "Cortume Campinense", então de propriedade de Domingos Francisco Sampaio, (conforme anúncio que se encontra no "Almanack de Campinas", de 1901), usava de processos rudimentares no curtimento dos couros. As leguminosas com alto teor de tanino, — Angico e Barbatimão — eram largamente empregadas num processo de curtimento, do qual resultava o desagradável cheiro, que agredia o olfato dos habitantes da redondeza. Diariamente, a população do bairro assistia ao desfile de carroças com essas leguminosas, como as que transportavam as peles a serem submetidas ao processo de curtimento. A passagem destas carroças, ficava no ar durante muito tempo o odor forte e característico de matéria orgânica em decomposição. Nos últimos anos, entretanto, o mau cheiro não molestava mais. Segundo li neste jornal, nas declarações prestadas por um diretor da "Companhia Cortidora Campineira" o antigo processo de transformação da pele bovina em couro, foi abandonado. Nova tecnologia e moderno equipamento são empregados agora nessa indústria.

A indústria de couros de Campinas tem fama por esse Brasil afora. Já vi em várias cidades, rolos de produto campineiro com cartazes, mencionando "o famoso couro de Campinas". Eu, que fui criado na Vila Industrial, não podia atinar a razão pela qual o bairro assim se chamava, pois ali não havia outras indústrias a não ser a de couros. Presentemente, o bairro possui três grandes estabelecimentos industriais para processamento das peles bovinas e sua transformação em couro de alta qualidade, segundo voz corrente no comércio do produto. Não

disponho, no momento, de dados que me permitam situar a atividade cortidora no panorama industrial de Campinas, mas suponho que, tanto pela tecnologia empregada como pelo volume e qualidade da produção, seja ponderável.

Segundo ainda se deduz das declarações do diretor da empresa, que o Prefeito mandou interditar quinta-feira última, o mau cheiro não é devido ao processo de industrialização em si, mas por deficiências do esgoto público. Não desejo entrar no mérito do problema técnico, que escapa à minha atribuição e competência, mas apenas registrar o fato, ficando numa posição equidistante. As providências ordenadas pelo Prefeito Lauro Péricles Gonçalves foram as aconselháveis, diante do fato real, insofismável da procedência da reclamação que deu origem ao pronunciamento do vereador Orestes Segálio, na Câmara Municipal. Diante, porém, das alegações do sr. Pierre Fontayne, diretor da "Companhia Cortidora Campineira", de que na sua indústria não está a causa da anomalia, mas sim nas deficiências do serviço de esgoto na via pública, fico na expectativa dos resultados das medidas ordenadas pelo Prefeito. A intenção deste, entretanto, de defender o campineiro contra a poluição ambiental, é assás louvável. Caiba a razão, no caso, à Prefeitura ou à empresa, não importa agora. O que é importante é o fato de o Governador da Cidade haver tomado decisão tão corajosa, absolutamente necessária, no seu modo de ver, em defesa do bem estar do campineiro. Creio, que se a responsabilidade couber à indústria, seus dirigentes não se recusarão a tomar as providências indispensáveis para sanar o mal, assim como acredito que a Prefeitura corrigirá a lacuna, se a responsabilidade for sua.

O fato em foco neste artigo merece um exame acurado, pois só "pegando o touro à unha", chegaremos a algum resultado positivo em favor do bem estar da comunidade campineira, que deve precaver-se contra os efeitos negativos do progresso Campinas de ve receber com satisfação o progresso, mas em termos: não o progresso pelo progresso, apenas, mas o progresso gerando o bem estar do ser humano. Não devemos aceitar a tese de que a poluição é um mal necessário, por representar ônus a que a comunidade não pode fugir, se quiser usufruir das vantagens do progresso. Melhor é a tese: "Progresso, sim, mas sem poluição". Que adianta uma cidade com altíssimo índice de progresso como a Capital paulista, se a sua população se estio-

la num ambiente deletério, como o que lá existe?

"É preciso pegar o touro à unha", repito. Nada de paliativos em Campinas, cujo desenvolvimento a conduzirá fatalmente à mesma situação caótica e irreversível da Capital e do ABC. "É melhor prevenir do que remediar" e o remédio está na ação decisiva das autoridades, do povo e das empresas industriais. Com a ação conjugada de todos, para, unidos, se empenharem na salutar cruzada de proteção do ambiente, é possível que Campinas venha a ser no futuro, não obstante o seu progresso, uma cidade confortável, onde se respire ar de boa qualidade e onde não haja as tensões dos centros urbanos, que crescem desordenadamente, irracionalmente, como a Capital paulista. Campinas pode ser salva, graças a boa vontade e à ação decisiva de sua gente, que tem no momento boa oportunidade de arregimentar-se, na Sociedade Protetora do Ambiente. A PROAM surge aqui com programa de grande alcance, visando à proteção ambiental sob todos os seus aspectos. Será ela uma entidade sob cuja bandeira se reunirão todos os cidadãos de boa vontade, para essa cruzada em benefício da população ameaçada pelos males decorrentes da falta de planejamento do desenvolvimento.

Sobre a questão enfocada em artigo há dias, quando publiquei a carta do engenheiro agrônomo Orlando Rigitano, abordando o problema das últimas reservas florísticas naturais, do município de Campinas, tenho a dizer que estou muito satisfeito com a sua repercussão. Tenho notícia de que já se manifestaram a propósito, tanto o Secretário do Meio-Ambiente, Professor Paulo Nogueira Neto, como o Magnífico Reitor da UNICAMP Professor Zeferino Vaz. Aquele artigo mereceu também de João Lanaro, na edição de sábado último, do "CORREIO POPULAR" oportunos comentários, além de outras manifestações, sempre favoráveis à tese de Rigitano.

Forma-se, assim pelo exame e debate através da Imprensa, uma consciência coletiva em torno do problema, que não deve ser escondido, nem camuflado. Não devemos emprender fugas diante dele, mas enfrentá-lo e a maneira mais racional de fazê-lo é enfocá-lo, equacioná-lo e debatê-lo, pois disso resultará o esclarecimento da opinião pública que terá consciência plena da dura realidade. O caso da "Companhia Cortidora Campineira" no momento em foco, é exemplo de como o problema deve ser enfrentado corajosamente, sem ódios, mas racionalmente.